




Apresentação

Sociologia da Cultura: a cultura e suas relações com o território

 10.52521/22.13267

Alexandre Barbalho 

alexandre.barbalho@uece.br

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Edson Farias 

nilosed@gmail.com

Universidade de Brasília - UnB

Mariana Barreto 

mariana.barreto@pq.cnpq.br

Universidade Federal do Ceará - UFC

Consolidada nos programas de pós-graduação, presente aos principais encontros das associações científicas da área, parte do rol de pesquisas financiadas pelas agências de fomento e ainda integrante do cômputo dos artigos e livros que publicizam a produção intelectual das humanidades, a sociologia da cultura compõe, hoje, o cenário institucional e epistemológico das ciências sociais no Brasil (FARIAS, COUTO E RODRIGUES, 2020, p.03-04). Se o seu núcleo gnosiológico gira em torno do amplíssimo problema acerca dos processos de simbolização, mas o interesse que mobiliza os investimentos intelectuais está centrado nos efeitos expressivos comunicacionais quando estes dizem respeito ao funcionamento de sistemas de sinais inscritos nas maneiras históricas como formas culturais contracenam com grupos sociais e sociedades (BASTIDE, 2006). Diante desse foco epistêmico, salta aos olhos como traços bem característicos da contemporaneidade dessa subdisciplina sociológica, a diversidade temática das agendas de investigações, estudos e reflexões, em confluência com o estoque múltiplo de ferramentas teórico analíticas operacionalizadas, mas aliada com a interdisciplinaridade contida nas

formas de raciocínio e nos modos de abordagem.

A proposta deste dossiê sobre ou a partir da atualidade da sociologia da cultura, justamente, refere-se tanto a reflexões epistemológicas sobre esse campo específico da prática sociológica, quanto a reunião de análises sociológicas de fenômenos que resultam da produção, da circulação e/ou dos usos, recepções e fruições dos bens simbólicos – destacando, inclusive, as transformações ocorridas nessa cadeia com o isolamento social provocado pela crise sanitária recente provocada pela disseminação global do Covid. Tomamos as expressões artísticas como um espaço privilegiado para acessar as particularidades desse largo e complexo campo da produção e prestação de serviços, afinal, constitui-se em espécie de tipo ideal de manifestação cultural. Por sua vez, como a cultura é a esfera por excelência da produção de sentidos, entendemos a inevitabilidade do seu cruzamento com outras dimensões constituintes do social, à maneira da política, econômica, moral, entre outras. Pela centralidade ocupada pela trama do simbólico nessa esfera impõe contemplar a circulação do conhecimento e da cultura, igualmente os deslocamentos e mutilações postos no anverso das traduções, sem menoscar as condições assimétricas que favorecem disparidades quanto à distribuição de recursos de nomeação/classificação, bem como as disputas envolvendo a visibilidade e legitimação dos bens e serviços culturais. Há que considerar, deste modo, as múltiplas formas de articulação entre o local, o regional/nacional e o global, na medida também que se atenta aos formatos e suportes digitais e assim, voltando-se às cadeias de produção e distribuição desterritorializadas, no entanto, sem perder de vista modos e fazeres das reterritorialização. Vale destacar, a esse respeito, o entrelaço de formatos de produção e estratégias de circulação com os parâmetros de gestão da esfera cultural.

Ao longo desta apresentação, temos por finalidade assinalar e comentar alguns dos encaminhamentos que definem a sociologia da cultura. Mas, já de início, a seguinte conclusão se impõe inapelável, quando nos propomos estender um panorama, por mais sumário que seja, sobre determinado conjunto disciplinar: o ponto de vista adotado incidirá sobre a seleção dos termos qualificados como conteúdos, igualmente, definirá o princípio de encadeamento na exposição. Em linhas bem gerais, com propósito tão somente descritivo, sem pretensões analíticas e/ou interpretativas, em última instância, diríamos que a sociologia da cultura se respalda na problematização do “espírito objetivo”, isto é, na tematização em Hegel acerca do desenvolvimento do “espírito” no mundo histórico (MANNHEIM, 2001). Em termos narrativos, algo assim consiste no entendimento da “cultura” como os equacionamentos dos desafios e conflitos postos à humanidade na tocada da construção da sua autoidentidade no movimento de rotação da espécie biológica em sujeito, ao mesmo tempo coletivo e individual (HEGEL, 2013). Na partilha em que se alicerça a divisão epistemológica intrínseca às ciências sociais, em face da

sua aproximação com a etnologia e arqueologia, mas no contexto de expansão imperial europeia, a potencialização do legado hegeliano ao estudo da cultura, pela antropologia, se converteu numa ciência geral do homem orientada ao conhecimento da alteridade, mediante à qualificação de empiricidades relativas às sociedades não-ocidentais (...). Motivada pelos efeitos do advento do capitalismo industrial sobre as interações e representações individuais e coletivas, os rumos tomados pela sociologia ocupada da cultura foram bem outros. Os condicionantes na escolha de objetos de saber e aplicação analítica obedecem, gradualmente, ao interesse no funcionamento e repercussões dos sistemas sociais especializados na produção e circulação de bens simbólicos. Estes sistemas, por sua vez, contracenam com a montagem de uma complexa divisão social do trabalho, a profissionalização das competências e dos ofícios no contexto de mercado autorregulados articulados à unidade monetária, o delineamento de esferas autonomizadas em relação às demais cujas respectivas especializações as consagram na figura de cosmos dotados de tramado de posições, finalidades e racionalidades próprias, além do alcance sempre mais abrangente da tecnificação e da orientação pela razão do cálculo da conduta dos indivíduos e das dinâmicas institucionais. Enfim, se como propõe Agnes Heller, a sociologia compreende a consciência crítica da modernidade, as motivações para os encaminhamentos na sociologia da cultura estão, a um só tempo, comprometidos com os desígnios dessa consciência e voltam-se à objetivação sociológica das condições sócio-históricas de possibilidade do espírito do tempo moderno.

Embora seja temerário delimitar um preciso ponto elucidativo para decantar a compilação de camadas tão diversas entre si, mas frente ao enunciado da dupla interação com a modernidade, podemos sugerir estar a deflagração da pesquisa e reflexão na sociologia da cultura implicada aos dois seguintes momentos que, mantendo-se paralelos, chegam por vezes a se entrecruzar, conformando-se como parâmetros epistêmicos: a saber, de um lado, a díade hegel-marxista referente ao problema da formação da consciência na sociedade de classe capitalista, ou seja, alienação-ideologia; de outro, o já aludido vínculo estabelecido entre o espírito na história e a história do espírito.

Quanto à díade alienação-ideologia, o seu esteio se concretiza no entretido de ideias disposto no transcurso de composição da matriz de pensamento do marxismo ocidental, estendendo-se da concepção de “consciência reificada” (LUKACS, 2012) à narrativa histórico-filosófica que reconstitui a odisseia do esclarecimento e culmina no desvelamento da “dialética do iluminismo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985); processo este depurado nas respectivas formulações sobre “razão instrumental” (HORKHEIMER, 2015) e “indústria cultural” (ADORNO, 1971). A atenção devotada ao problema da formação da consciência em meio às lacerações próprias às sociedades capitalistas, cindidas em classe, nessa matriz de pensamento, volta à singularidade da fenomenologia realizada

no capítulo primeiro de *O Capital*, em que Marx traça os contornos da percepção fetichizada que investe as mercadorias de ânima, apreendendo-as como aptas a gerar riqueza e perfazer relações entre si, na medida mesma da exposição/explicação das relações de produção que possibilitam tal forma de consciência. Resulta do empreendimento a conclusão de que o apagamento da canalização das energias subjetivas pelo trabalho que produz os bens consiste, exatamente, no êxito da intervenção ideológica. A ideologia imola a cognição a ponto desta ratificar a objetivação dos fazeres humanos no *status* de coisas autônomas e autorreferidas. Mais tarde, já em meados da década de 1920, atento ao tema histórico-estrutural do racionalismo no Ocidente, mas concebendo as ideias em sua base de formulação, ou seja, atravessadas pelas contradições do processo histórico nas formações sociais (nexo entre forças e relações de produção) capitalistas, Lukacs sugere que a consciência se forma a partir das contradições da reprodução material da vida, mas que suas representações terão incidência sobre o desenrolar da história sociomaterial, porque incidiriam sobre o norteamento das práticas. Nos desdobramentos da sociologia da cultura, também engendrados pelo relevo obtido pela mesma crítica marxista da ideologia, a apropriação adorniana da chave do fetiche da mercadoria, mas a atualizando com o seletivo empréstimo feito junto à concepção de industrialização do simbólico em Walter Benjamin, abriu amplo leque de pesquisas avançando, a partir da música popular, na direção da indústria fonográfica, ao sistema radiofônico e também no ingresso da televisão como parte do maquinismo capitalista de pedagogia ideológica, sem esquecer da literatura. A indústria cultural emerge e se consolida, no que toca o arsenal de ferramentas analíticas, um instrumental estratégico na organização conceitual da realidade pelo viés que explica os processos de dominação por meio do arremate de consciências, dispondo-as aptas a pôr valor-de-troca, no compasso da comercialização de sentidos. A padronização dos gostos, para o autor, está à contrapartida da redução das capacidades perceptivas e de promoção de agenciamento das pessoas, quando elas são isoladas nas posições do artista executor de protocolos ratificando expectativas ou audiência/consumidoras da cultura de massas ávida por ratificar, num gesto conservador, fórmulas familiares de identificação.

Quando nos referimos à matriz do espírito no mundo e da história do espírito, evocamos os ecos do vitalismo nietzschiano vocalizado na contribuição de Georg Simmel. Peculiar à sua interpretação da epopeia hegeliana do espírito, Simmel olha o seu presente na ponta de um longo curso histórico dos esforços humanos para sobreviver e, assim, erguendo um mundo artificial dotado de finalidades que lhe são inerentes. Ele denominou de cultura, ou de “espírito objetivo”, justamente esta humanização do mundo promovida pela humanidade. Nos rastros daquela dialética irresoluta do trágico concebida por Nietzsche – em que as forças dionísicas e apolíneas travam uma luta in-

terminável – a vida se expressaria nas muitas formas adquiridas pelos modos nos quais conforma a sua intervenção. O olhar estético-totalizador do autor funda-se, com isso, em uma dinâmica agonística descrita no movimento do fluxo vital que se auto-oferece os seus próprios limites de realização. No entanto, seu diagnóstico aponta como, na era moderna, o advento e a autonomia das formas se encaminham à submissão do espírito subjetivo (ou seja, da vontade e das aspirações individuais) à gama elevada dos objetos. De meios à realização das finalidades humanas, estes últimos suplantam às próprias finalidades e se impõem como fins em si mesmos. Com o emprego dessa lente interpretativa, em *A filosofia do dinheiro*, Simmel (1987) enxerga em tal meio de pagamentos a excelência da autonomia dos meios. Isso porque, ao se sagrar o intermediário entre os desejos humanos e os recursos de sua satisfação, o dinheiro sintetiza e é a ponta de lança de uma especialização das atividades sem paralelo histórico, compreendendo a divisão social do trabalho moderna, portanto, uma rede de interdependência sociofuncional jamais conhecida até então pela humanidade.

Em Walter Benjamin encontramos as mais consequentes e criativas repercussões das ideias simmeliana sobre o debate da questão da cultura moderna. Parece ter Benjamin se constituído em uma passarela entre os jovens intelectuais judeus alemães que formularam a primeira versão da teoria crítica da sociedade e as formulações de Lukács sobre a ideologia e a consciência reificada. Nunca é demais recordar que Benjamin estava a favor de uma concepção de processo histórico contrária à narrativa de exaltação aos vitoriosos. Assim, em seu último texto “As teses sobre o conceito de história”, Benjamin (1991) constrói uma nova abordagem sobre o conceito de história e propõe uma nova relação entre os conceitos de passado, presente e futuro, não mais numa sequência linear, mas em coexistência, gerando um tempo messiânico que poderá trazer mudanças à própria história. Para os objetivos deste capítulo, é fundamental sublinhar ter sido ele pioneiro em questionar o estatuto da reprodutibilidade na sociedade industrial, ainda que estivesse motivado por um imaginário modernista de esquerda, que toma as forças produtivas como algo expressionisticamente revolucionário, compreendendo uma promessa de novo tempo sócio-histórico (HABERMAS, 2000). No famoso ensaio “A obra de arte no tempo da sua reprodutibilidade técnica”, Benjamin (2012) desenvolve o conceito de “aura”, central à concepção crítico-analítica do processo de dessacralização técnica da arte. A “aura” da obra de arte – propõe o autor – é o que confere distanciamento à arte e assegura o seu valor cúltil. Lembra que, desde sempre, a arte conviveu com a sua reprodução. O século XX inaugura, a seu ver, a autonomização da própria técnica de reprodução, a ponto de ser reconhecida também como arte, dando-se no compasso do avanço das relações capitalistas de produção e reprodução da vida material e, agora também, espiritual. O caso exemplar estaria na cinematografia. O advento dessa moda-

lidade artístico-industrial implicaria na dissolução da “aura”, porque o esvanecimento do critério da originalidade faria ruir o edifício da concepção estética calcada na concepção de transcendência do sublime. Entendido como fator imaterial inefável, capaz de conferir unicidade e coesão ao objeto artístico, ao sublime corresponderia uma espécie de qualidade atemporal que, a despeito de qualquer circunstancialidade, asseguraria a irreduzibilidade do símbolo às incursões mundanas seculares.

Interligadas numa miríade interdisciplinar a formulações estruturalistas e pós-estruturalistas, pós-modernistas, praxiológica, figuracional, interacionistas, dos estudos culturais anglo-saxônicos e latino-americanos, entre tantas, ambas as matrizes detêm posição estratégica no desenvolvimento da sociologia da cultura no Brasil, quando se trata do que, em outro trabalho, denominamos das “regionalidades epistêmicas” que a conforma o espaço epistêmico dessa subdisciplina (FARIAS, COUTO E RODRIGUES, 2020, p. 14-28). Entendemos tais regionalidades como linhas de forças divisórias, ao mesmo tempo, funcionando como fundos hermenêuticos e também arquivos referenciais dos enunciados identificados à rede discursiva da sociologia da cultura no país. Sem entrar no detalhamento de cada delas, porque extrapolaria os objetivos dessa apresentação, basta observar termos categorizado as três seguintes: sociologia da vida intelectual, sociologia da cultura popular de massa e sociologia dos marcadores sociais de diferença.

O atual painel da produção intelectual da sociologia da cultura, no Brasil, abrange o crescente cruzamento dessas grandes linhas divisórias apontando alguns vetores que, a um só tempo, ratificam pautas, igualmente, consolidam novas agendas de pesquisa e reflexão. A permanência de temas referentes à nação e a seus sistemas culturais (contracena com o quadro composto por temas, objetos de conhecimento e alternativas de abordagem) articulados à base de problematizações definidas por escalas que escapam à sociedade-nação. O denominador comum é o quanto a questão cultural se faz estratégica na medida mesma em que sua transversalidade transpõe os planos políticos, econômicos, tecnológicos e das moralidades, interliga as facetas macro e microsociais, faz duetos com as dinâmicas sociotécnicas e joga papel fundamental nas conciliações e repulsas que, hoje, põem em sintonia proposições identitárias, lutas por reconhecimento e definição/redefinição de sentidos de justiça.

Se o núcleo gnosiológico da sociologia da cultura lida com os amplos e diversos processos de simbolização, como dito no início dessa apresentação, os cinco artigos que compõem o primeiro volume desse dossiê privilegiam abordar os fenômenos da cultura a partir de seus vínculos territoriais locais, nacionais e/ou transnacionais.

Desse modo, Pablo Lopes, em “Cultura Viva conceito-fronteira: as redes de pontos de cultura do estado de Goiás” aborda, como o título indica, essa importante ação

do Ministério da Cultura brasileiro que é os pontos de cultura, experiências da própria sociedade civil que atuam, para retomar a imagem proposta por Gilberto Gil quando era ministro, como Do-in massageando os mais distintos lugares deste imenso país. Os pontos de cultura fazem parte do Programa Cultura Viva e o que Lopes se propôs foi sistematizar os dados sobre a formação das Redes Cultura Viva em Goiás. O autor recorreu a uma etnografia dos arquivos/documentos, utilizando o levantamento de dados dos processos presentes na plataforma Plataforma TransfereGov, com recorte temporal de 2005 a 2017. A análise dos dados revelou uma complexa teia de elementos que inter-relacionam as demandas comunitárias e a operacionalização do poder para alcançar determinados fins, onde se entrelaçam, nesse conceito-fronteira, o interesse do Estado de pautar a agenda cultural local e a agência das e dos profissionais que se representam por meio das instituições culturais e coletivos.

O segundo artigo, “‘Comer é viajar’ e viajar é comer. Reflexões sobre gastronomia e turismo a partir das produções audiovisuais pagas exibidas no Brasil (2021-2023)”, de Maria Celeste Mira e Beatriz Salgado Cardoso de Oliveira, aborda o território na articulação entre gastronomia, viagem e audiovisual, mais especificamente os programas da televisão por assinatura e plataformas de streaming de vídeo que abordam a antiga relação entre viajar e comer, tendo como pano de fundo a lógica dos grandes mercados de consumo contemporâneos. O título do artigo, inclusive, vem do o programa “Comer é viajar”, lançado em 2021 pelo canal de TV por assinatura Sabor e Arte. Buscando compreender as rupturas e permanências observáveis na atualidade, as autoras concluem que a gastronomia, que se propaga como necessidade das viagens, acaba por se transformar na sua motivação principal no caso do turismo gastronômico. Por sua vez, a expansão do turismo, entre outros fatores, leva à difusão de antigas e novas visões da gastronomia no mercado audiovisual global.

O território abordado no terceiro artigo é o do Ceará, ou melhor, de quatro de seus municípios: Canindé, Pacoti, Russas e Horizonte. Os autores, Alexandre Barbalho, Alexandre Vale e Bruna Costa, em “Circulando com cultura: um estudo de caso das práticas e consumos culturais no interior cearense” trazem uma análise avaliativa do projeto Circula Ceará implementado pela Secretaria da Cultura do Estado que promoveu a circulação de artistas e grupos, a formação e o acesso à arte e à cultura em 15 municípios cearenses. O objetivo dos pesquisadores e da pesquisadora foi o de apreender as valorações e as avaliações que essa programação despertou no público local. Para tanto acompanharam a realização da ação cultural nos municípios citados acima, realizando um trabalho de campo de cunho etnográfico (elaboração de diário de campo e condução de entrevistas abertas) e aplicando, de modo aleatório e sem gerar uma amostra probabilística, um survey junto ao público dos eventos. Os autores e a autor identificaram os ganhos materiais e simbólicos para os territórios pesquisados que foram pos-

sibilitados pela programação cultural diante de uma realidade onde são poucos ou mesmo inexitem rede de equipamentos e programas públicos culturais permanentes que garantam a produção e a fruição de bens simbólicos diferenciados daqueles usualmente oferecidos pelas majors dos mercados culturais.

No quarto artigo, “Músicas populares e fronteiras atlânticas na turnê Projeto Kalunga em Angola”, Mariana Barreto aborda a circulação internacional da música popular brasileira na década de oitenta, tendo como objeto a turnê de músicos brasileiros a Angola, o show “Kalunga do Brasil em Angola”, ocorrido em 1980. A perspectiva da autora é a do lado angolano nessa relação musical, ou seja, o seu espaço de música popular que, naquele momento, estava marcado pelas tentativas de unificação nacional. Este ponto de vista a partir de Angola não impede um trabalho comparativo entre os dois países e muito menos encerra a análise a esses espaços nacionais. Trabalhando com a ideia da existência de um campo transnacional da produção musical, a autora identifica redes informais e, muitas vezes, não planejadas de contatos e trocas em um momento em que vigorava um contexto geopolítico ainda marcado pela disputa entre os blocos capitalista e socialista. Assim, conclui Barreto, a circulação transnacional das produções simbólicas aponta para a existência transnacional dos campos artísticos, mesmo que em contextos marcados pela invenção da nação, como o angolano.

O último artigo, “Da clausura insalubre à midiaticização e ao empreendedorismo moral: a representação de chefs em revistas impressas brasileiras (1960-2010)”, Débora Previatti analisa a representação de chefs em revistas impressas brasileiras entre a segunda metade do século XX e o início do século XXI, partindo do pressuposto que a cultura contemporânea reúne uma pluralidade de intermediários culturais que, ao aliar credenciais de autoridade e expertise, atuam na produção simbólica de valor e gosto. Consultando os acervos de revistas do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo, a autora observou um deslocamento espacial e posicional, dos chefs indo do anonimato ao estrelato e a construção da imagem social desse agente como um “engajado”, que “salva” a cozinha brasileira, atuando como marcador de distinção, por meio de um empreendedorismo moral, favorecendo a construção de identidades, sua legitimação e ganho de prestígio. A autora conclui que a intermediação de editores de revistas e livros impressos na construção dessa imagem, bem como de visitas de chefs estrangeiros renomados no país, salienta o papel desses e de outros agentes da indústria cultural na constituição do campo gastronômico brasileiro.

Referências

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, G. (org). **Comunicação e indústria cultural**. Cia Editora Nacional/Editora Universidade de São Paulo, 1971.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BASTIDE, Roger. Problemas em sociologia da arte. **Tempo Social**, v. 18, n. 2, p. 295-305, nov. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200016>

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte no tempo da sua reprodutibilidade técnica**. Tadeu Capistrano (Org.). Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

FARIAS, Edson; COUTO, Bruno Gontyjo do; RODRIGUES, Tiago. Sociologia da Cultura no Brasil em artigos (2008–2018). **BIB**, São Paulo, n. 92, 2020 (publicada em abril de 2020), pp. 1-36.

HABERMAS, Jürgen. **Discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A razão na história**. Lisboa: Edições 70, 2013.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia da Cultura**. São Paulo: Perspectivas, 2001.

MARX, Karl. **O capital. Crítica da economia política**. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

SIMMEL, Georg. **Philosophie de l'argent**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.